

volume

29/2

jul/2024

ICH - UFPel

História em revista

revista do núcleo de documentação histórica

Patrimônio Cultural da Saúde e da Assistência:
reflexões sobre um campo multidisciplinar

*Cast. Le Trinciera d'adem @Cast. q' rimeira d'adem
especialidades em doces especialidades em doces
para casamentos, baptipara casamentos, bapti-
sudos e banquetes. E' usado e banquetes. E' a
unica depositaria da alfamaica depositaria da alf-
muda Guarana Espumamuda Guarana Espumam-
te e do eccellente choro e do eccellente
lato Laeta, fabricados em lato Laeta, fabricados
S. Paulo pelos Srs. Zos, Paulo pelo S. Paulo
nolla Loureiro & Cagnolla Loureiro & Cagnolla
J. Confeitaria Brasileira J. Confeitaria Brasileira
Cast. Le Trinciera d'adem @Cast. q' rimeira d'adem
especialidades em doces especialidades em doces
para casamentos, baptipara casamentos, bapti-
sudos e banquetes. E' usado e banquetes. E' a
unica depositaria da alfamaica depositaria da alf-
muda Guarana Espumamuda Guarana Espumam-
te e do excelente choro e do excelente
lato Laeta, fabricados em lato Laeta, fabricados
S. Paulo pelos Srs. Zos, Paulo pelo S. Paulo
nolla Loureiro & Cagnolla Loureiro & Cagnolla
J. Confeitaria Brasileira J. Confeitaria Brasileira*



Hist. Rev. Pelotas Número 29/2 p.1-178 jul. 2024

ISSN 2596-2876





**Obra publicada pela
Universidade Federal
de Pelotas**

Reitora

Isabela Fernandes Andrade

Vice-Reitora

Ursula Rosa da Silva

Chefe do Gabinete da Reitoria

Aline Ribeiro Paliga

Pró-Reitora de Ensino

Maria de Fátima Cossio

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação e Inovação

Flávio Fernando Demarco

Pró-Reitora de Extensão e Cultura

Eraldo dos Santos Pinheiro

Pró-Reitor de Assuntos Estudantis

Rosane Maria dos Santos Brandão

Pró-Reitor Administrativo

Ricardo Hartlebem Peter

Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento

Paulo Roberto Ferreira Júnior

Pró-Reitor de Gestão de Pessoas

Taís Ulrich Fonseca

Editora e Gráfica Universitária - Conselho Editorial

Presidente do Conselho Editorial: Ana da Rosa Bandeira

Representantes das Ciências Agrárias: Victor Fernando Büttow Roll (TITULAR) e Sandra Mara da Encarnação Fiala Rechsteiner

Representantes da Área das Ciências Exatas e da Terra: Eder João Lenardão (TITULAR)

Representantes da Área das Ciências Biológicas: Rosângela Ferreira Rodrigues (TITULAR) e Francieli Moro Stefanello

Representantes da Área das Engenharias: Reginaldo da Nóbrega Tavares (TITULAR)

Representantes da Área das Ciências da Saúde: Fernanda Capella Rugno (TITULAR) e Anelise Levay Murari

Representantes da Área das Ciências Sociais Aplicadas: Daniel Lena Marchiori Neto (TITULAR), Eduardo Grala da Cunha e Maria da Graças Pinto de Britto

Representante da Área das Ciências Humanas: Charles Pereira Pennaforte (TITULAR), Lucia Maria Vaz Peres e Pedro Gilberto da Silva Leite Junior

Representantes da Área das Linguagens e Artes: Lúcia Bergamaschi Costa Weymar (TITULAR), Chris de Azevedo Ramil e João Fernando Igansi Nunes

Instituto de Ciências Humanas

Diretor: Prof. Dr. Sebastião Peres

Vice-Diretora: Profa. Dra. Andréa Lacerda Bachettini

Núcleo de Documentação História da UFPel – Profa. Beatriz Loner

Coordenadora:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Membros do NDH:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Prof. Dr. Jonas Moreira Vargas

Prof. Dra. Márcia Janet Espig

Técnico Administrativo:

Paulo Luiz Crizel Koschier

História em Revista – Publicação do Núcleo de Documentação
Histórica – Prof^{fa}. Beatriz Loner

Comissão Editorial:

Prof^a Dra. Lorena Almeida Gill
Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes
Profa. Dra. Eliane Cristina Deckmann Fleck
Profa. Dra. Márcia Janete Espig
Prof. Dr. Jornas Vargas
Paulo Luiz Crizel Koschier

Conselho Editorial:

Profa. Dra. Alexandrine de La Taille-Trétinville U,
Universidad de los Andes, Santiago, Chile
Profa. Dra. Ana Carolina Carvalho Viotti (UNESP - Marília)
Profa. Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSM)
Prof. Dr. Benito Bisso Schmidt (UFRGS)
Prof. Dr. Carlos Augusto de Castro Bastos (UFPA)
Prof. Dr. Claudio Henrique de Moraes Batalha (UNICAMP)
Prof. Dr. Deivy Ferreira Carneiro (UFU)
Profa. Dra. Gisele Porto Sanglard (FIOCRUZ)
Prof. Dr. Jean Luiz Neves Abreu (Universidade Federal de
Uberlândia)
Profa. Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)
Profa. Dra. Joana Maria Pedro (UFSC)
Profa. Dra. Joana Balsa de Pinho, Universidade de Lisboa
Profa. Dra. Karina Ines Ramacciotti,
(UBA/CONICET/Universidad de Quilmes)
Profa. Ms. Larissa Patron Chaves (UFPEL)
Profa. Dra. Maria Antónia Lopes (Universidade de Coimbra)
Prof^a. Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)
Profa. Dra. Maria de Deus Beites Manso (Universidade de
Évora)
Profa. Dra. Maria Marta Lobo de Araújo (Universidade do
Minho)
Profa. Dra. María Silvia Di Liscia (Universidad Nacional de
La Pampa – AR)
Profa. Dra. Maria Soledad Zárate (Universidad Alberto
Hurtado – Chile)
Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFF)
Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos
Aires).
Prof. Dr. Robson Laverdi (UEPG)
Prof^a. Dra. Tânia Salgado Pimenta (FIOCRUZ)
Prof^a. Dra. Tatiana Silva de Lima (UFPE)
Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)
Prof. Dr. Tiago Luis Gil (UNB)
Prof. Tommaso Detti (Università Degli Studi di Siena)
Profa. Dra. Yonissa Marmitt Wadi (UNIOESTE)

Editora: Lorena Almeida Gill

Editores do Volume: Eliane Cristina Deckmann Fleck – UFPel
Joana Balsa de Pinho – Universidade de Lisboa

Edição e Capa: Paulo Luiz Crizel Koschier

Imagem da capa: Prédio da Faculdade de Medicina da UFPel
desde a fundação do curso. Acervo UFPel.

Pareceristas ad hoc: Ana Paula Korndorfer (UNISINOS) |
Angela Beatriz Pomatti (MUHM) | Beatriz T. Weber (UFSM)
| Daiane Rossi (Universidade Franciscana - UFN) | Daniel
Oliveira (UNISINOS) | Everton Quevedo (CENTRO
UNIVERSITÁRIO CESUCA/ CENTRO DE
DOCUMENTAÇÃO CASA DA MEMÓRIA UNIMED
FEDERAÇÃO/RS) | Gisele Sanglard (FIOCRUZ) | Gláucia
Linxinski de Lima (MUHM) | Jaqueline Hasan Brizola
(FIOCRUZ) | José Carlos Cardozo (FURG) | Luiz Otávio
Ferreira (FIOCRUZ) | Marta Lobo (Universidade do Minho
- UMINHO) | Renato da Gama-Rosa Costa (FIOCRUZ) |
Ricardo Batista (UNEB) | Véra Maciel Barroso (ARQUIVO
HISTÓRICO DA SANTA CASA DE PORTO ALEGRE) |
Yonissa Marmitt Wadi (UNIOESTE)

Editora e Gráfica Universitária

R Lobo da Costa, 447 – Pelotas, RS – CEP 96010-150 |
Fone/fax: (53)3227 8411
e-mail: editora@ufpel.edu.br

Edição: 2024/2

ISSN – 2596-2876

Indexada pelas bases de dados: Worldcat Online Computer
Library Center | Latindex | Livre: Revistas de Livre Acesso
| International Standard Serial Number | Worldcat |
Wizdom.ai | Zeitschriften Datenbank

UFPel/NDH/Instituto de Ciências Humanas

Rua Cel. Alberto Rosa, 154 - Pelotas/RS - CEP: 96010-770
Fone: (53) 3284 3208 - <http://wp.ufpel.edu.br/ndh/>
e-mail: historiaemrevista@ufpel.edu.br



Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional
Simone Godinho Maisonave – CRB 10/1733
Biblioteca de Ciências Sociais – UFPel

H673 História em Revista [recurso eletrônico] : (Dossiê : Patrimônio Cultural da Saúde e da Assistência : reflexões sobre um campo multidisciplinar) / Núcleo de Documentação Histórica da UFPel – Profa. Beatriz Loner, v.29, n.2, jul. 2024. – Pelotas: UFPel/NDH, 2024 –
178 p. ; 5,71 MB

Semestral

e-ISSN: 2596-2876

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader

Disponível em:

<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/HistRev/index>

1. História – Periódico 2. Patrimônio 3. Saúde

CDD: 907

Os textos contidos neste volume são de responsabilidade exclusiva de seus respectivos autores. Salvo informação explícita em contrário, o(a)(s) autor(a) (es) respondem pelas informações textuais e imagéticas contidas no presente volume. O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada artigo é de inteira e exclusiva responsabilidade dos mesmos.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO PRESENTATION <i>Eliane Cristina Deckmann Fleck</i> <i>Joana Balsa de Pinho</i>	07
RECONHECENDO UM PATRIMÔNIO CULTURAL DA SAÚDE: O CASARÃO DO LAZARETO EM NOVA FRIBURGO/RJ RECOGNIZING A CULTURAL HERITAGE OF HEALTH: THE CASARÃO DO LAZARETO IN NOVA FRIBURGO/RJ. <i>Anne Thereza de Almeida Proença</i>	11
ENTRE MODERNISMO E MODERNIDADE: A ESCOLA DE ENFERMAGEM DE SÃO PAULO BETWEEN MODERNISM AND MODERNITY: THE SCHOOL OF NURSING OF SÃO PAULO <i>Paulo Fernando de Souza Campos</i>	28
CONSTRUÇÕES “MODELO” PARA A SAÚDE DURANTE O ESTADO NOVO NO RIO GRANDE DO SUL “MODEL” HEALTHCARE BUILDINGS DURING THE ESTADO NOVO IN RIO GRANDE DO SUL <i>Cristiano Enrique de Brum</i>	51
ARQUITETURA DA SAÚDE NO TERRITÓRIO FEDERAL DO AMAPÁ ENTRE OS ANOS DE 1940 E 1950 HEALTH ARCHITECTURE IN THE FEDERAL TERRITORY OF AMAPA BETWEEN THE 1940 ^s AND 1950 ^s <i>Dinah Reiko Tutyia</i> <i>Carina Regina Quaresma</i>	71

HOSPITAL SÃO FRANCISCO DE ASSIS COMO PATRIMÔNIO DA SAÚDE. UM LEGADO DE FREI ALBERTO BERETTA EM GRAJAÚ, ESTADO DO MARANHÃO.

HOSPITAL SÃO FRANCISCO DE ASSIS AS HEALTHCARE HERITAGE. A LEGACY OF FREI ALBERTO BERETTA IN GRAJAÚ, STATE OF MARANHÃO.

Paula Regina Pereira dos Santos Marques Dias 96

O TEMPO SUSPENSO. DOS RITUAIS HISTÓRICOS DO TERMALISMO AO PATRIMÓNIO ASSOCIADO EM PORTUGAL

THE SUSPENDED TIME. FROM THE HISTORICAL RITUALS OF THERMALISM TO THE ASSOCIATED HERITAGE IN PORTUGAL

Jorge Mangorrinha 118

UM OLHAR HUMANISTA SOBRE A FORMAÇÃO MÉDICA E A LEITURA DO LIVRO “UMA CASA CHAMADA LEIGA”

A HUMANISTIC LOOK AT MEDICAL TRAINING AND READING THE BOOK “A HOUSE CALLED LAYMAN”

Paulo Koschier 139

A TRAJETÓRIA DE EDSON TADEU HOLTHAUSEN NA INSTITUIÇÃO PRÓ-ENSINO SUPERIOR NO SUL DO ESTADO (IPESSE) E NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS (UFPEL)

THE TRAJECTORY OF EDSON TADEU HOLTHAUSEN AT THE PRO-HIGHER EDUCATION INSTITUTION IN THE SOUTH OF THE STATE (IPESSE) AND AT THE FEDERAL UNIVERSITY OF PELOTAS (UFPEL)

Lorena Almeida Gill
Elisiane Medeiros Chaves 145

INSTRUMENTO DE TRABALHO

Entrevista



A trajetória de Edson Tadeu Holthausen na Instituição Pró- Ensino Superior no sul do Estado (IPESSE) e na Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

Entrevista¹ realizada pelas historiadoras Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves, com o médico Edson Tadeu Holthausen, no dia 29 de setembro de 2022, no Núcleo de Documentação Histórica da UFPel.

Imagem 1: Dr. Edson Tadeu Holthausen. Entrevista realizada no NDH-UFPel.

Fonte: Acervo NDH-UFPel.

Lorena: Por favor, seu nome completo.

Edson: Edson Tadeu Holthausen.

Lorena: A sua idade?

Edson: 77.

Lorena: É de Pelotas?

Edson: Não, sou de Santa Catarina.

Lorena: De qual cidade?

Edson: Lauro Müller, embaixo da Serra do Rio do Rastro.

¹ A entrevista com o Dr. Edson Holthausen foi realizada para compor o livro “Uma casa chamada Leiga: os 60 anos da FAMED/UFPel”, escrito por Lorena Almeida Gill. Ele foi aluno da primeira turma da Faculdade Leiga de Medicina e uma daquelas pessoas que foi convidada para logo retornar e fazer parte do corpo docente da instituição, na área de radiologia. A ideia da publicação da narrativa se deu como uma maneira de homenageá-lo, em função de sua morte recente, no dia 1º de maio de 2023. Edson também foi o primeiro presidente da Associação dos Docentes da Universidade (ADUFPel). O texto apresentado é um extrato da entrevista, já que a narrativa é bastante longa. O acesso à narrativa, em sua totalidade, está disponível no NDH-UFPel.

Lorena: E como é que veio parar em Pelotas?

Edson: Por acaso. Eu estudava em Curitiba. Tinha feito vestibular lá, não tinha sido aprovado e eu então já tinha voltado para Curitiba para fazer o cursinho e um amigo meu que morava junto comigo, a namorada dele, que naquele tempo as comunicações eram muito complicadas, a namorada dele mandou um telegrama para ele dizendo que em Pelotas tinha aberto uma Faculdade de Medicina e nós nos tocamos com a cara e coragem. Acho que dos 10 ou 15 que vieram, só eu passei. Eu fui para Curitiba e voltei. Quando eu cheguei em casa, em Santa Catarina, depois vindo de Pelotas, meu pai queria saber o que eu estava fazendo em Pelotas. Eu não conhecia o Rio Grande do Sul, nunca tinha entrado no Rio Grande do Sul.

Lorena: Tinha quantos anos à época?

Edson: Dezesete, não tinha dezoito ainda.

Elisiane: E o senhor sabia sobre o curso da Leiga ou da Católica?

Edson: Da Leiga.

Elisiane: E da Católica?

Edson: A Católica já tinha saído um mês antes, mas ninguém ficou sabendo. Porque as notícias eram difíceis... Eu, para saber que eu fui aprovado no vestibular foi, assim, uma festa, porque era numa cidade que hoje é pequena, imagina, há 60 anos atrás.

Lorena: Eu lembro que quando eu fiz vestibular, por exemplo, a forma como a gente sabia era pelo rádio, e eu não dava muita bola para isso. E eu me lembro que a minha mãe ficava, “olha, vai sair, vai sair, olha, não, mas disseram que não vai sair agora, vai sair às duas horas.” E aí ia a família inteira ia para a volta do rádio, esperar a lista. Quando eu fiz História, minha mãe não deu muita importância, mas quando eu fiz o vestibular para Direito, ela enlouqueceu. E ela ficava esperando. Ela dizia: é agora a letra L, a letra L...” e aí se saiu o nome, foi aquela festa. [risos]

Edson: É, o nosso vestibular, naquele tempo eram 50 vagas. E saiu no Correio do Povo. E um conhecido do meu pai, de uma outra cidade, viu aquele sobrenome, porque o nosso sobrenome não é muito comum. Então, telefonou para ele para avisar, perguntar se alguém, se era parente. E naquele tempo também as provas, o resultado era por ordem de classificação e era tudo junto. Não tinha quem era primeiro, quem era o segundo, nem nada, era tudo junto e tinha quatro ou cinco dias para fazer a matrícula. Se não fizesse, passava o seguinte, porque um pouco antes, eu acho que no ano anterior, em 1962, quando eu estudava em Curitiba, houve uma greve. Curitiba era considerada como a capital universitária, teve uma greve muito importante. Isso era no fim do governo João Goulart Tenho que colocar a situação para vocês entenderem um pouco o contexto da coisa... e tinha a chamada greve do um terço do CTA. CTA era o Conselho Técnico Administrativo, que era o que hoje seria,

talvez, o colegiado. E os estudantes queriam um terço de participação, porque não tinha nenhuma participação. Então, naquele tempo, as provas eram de habilitação. Então, quem passasse, os famosos excedentes, em Curitiba tinha um monte de excedentes, porque até aquele ano tinha uma nota de aprovação. Depois com o nosso ano é que começou a ser os primeiros classificados era quem tinha passado em todas as disciplinas, depois, aí entrava aqueles que tinham rodado em uma, vou dizer assim, rodado entre aspas, e a matrícula naquele tempo era anual, não existia matrícula por disciplina, quer dizer, rodava numa, perdia o ano. Começa tudo de novo, fazer mesmo que tivesse sido aprovado.

Lorena: E que provas quais eram, Dr. Edson? Curitiba e Pelotas eram parecidas?

Edson: Iguais.

Lorena: Iguais?

Edson: Português, Química, Física e Biologia, só que as provas eram discursivas todas, não existia nada de marcar. Era tudo redação, correção de frase. Era um negócio que era um terror.

Elisiane: Aqui tinha redação?

Edson: No meu tempo, tinha redação e tinha correção de frases, que valia três pontos. E análise sintática, tinha uma análise sintática que valia três pontos, uma correção de frases que era o seguinte, eram listadas assim dez frases e algumas tinham algum erro no meio, outras não.

Lorena: E me diz uma coisa, tu estavas falando do teu nome, “Holthausen”

Edson: Sou “Holthausen”, alemão.

Lorena: A família veio de qual região?

Edson: Da Alemanha, eu acho que Vestfália, mas foi nos primeiros imigrantes.

Lorena: Nos primeiros imigrantes, tranquilo. Bom, vamos voltar aqui para a questão técnica. Teu estado civil?

Edson: Casado.

Lorena: E a profissão da tua esposa?

Edson: Médica, professora aposentada.

Lorena: E ela é médica de qual turma? Da mesma?

Edson: Não, duas turmas depois.

Lorena: Ah, então é bem perto.

Edson: Sim, sim.

Lorena: E qual era a especialidade dela?

Edson: Ginecologia e obstetrícia, mais obstetrícia. Têm alguns professores da faculdade que foi ela que fez nascer.

Lorena: Que interessante!

Elisiane: O senhor e ela começaram a namorar lá?

Edson: Não, não, antes. Ela fez por influência minha, não sei bem o porquê... Se foi uma boa ou má influência...

Lorena: Perfeito, a gente está conversando com o doutor Edir também, falando sobre Obstetrícia. Ele falou do hospital, e aí ele lembrou da Maria Coral, e eu disse, eu nasci das mãos da Maria Coral [risos]. A gente vai lembrando, vai ficando mais velho...

Edson: Exato. Eu ontem me lembrei da Maria Coral, por acaso, que eu estava falando com a minha filha, porque a Vera teve que fazer três cesáreas, mas é porque a primeira, inclusive, estava sentada, a Elisa. Então, até me lembrei do teu nome, que é Elisiane, Elisa. E a Maria Coral é que deu o primeiro banho nela.

Lorena: Muito legal! E a profissão dos teus filhos? Você já disse que têm três filhos, qual a profissão deles?

Edson: A mais velha é veterinária, exerce muito pouco, embora tenha mestrado, doutorado e tudo, mas... o do meio é médico e o mais novo é administrador. É um dos meus orgulhos é que eles não seguiram, porque geralmente quando o filho tem a mesma profissão do pai, é porque é malandro. Ele quer pegar tudo pronto e só... Único que é médico não faz nem especialidade, nem minha, nem dela...

Lorena: Foi para um outro caminho e qual foi?

Edson: Cardiologia.

Lorena: Cardiologia? Interessante. Bom, a idade o senhor já nos falou, não é? Então, ingressou com 17, 18 anos?

Edson: Eu ingressei, eu acho que tinha completado 18 anos.

Lorena: E a Medicina sempre foi a primeira opção?

Edson: Sempre.

Lorena: Havia algum exemplo na família?

Edson: Não, na minha cidade tinha um médico só, que era meu padrinho, até casualmente,

mas tinha-se muito pouco...

Lorena: Contato?

Edson: Contato.

Lorena: Bom, então agora a gente vai entrar um pouquinho sobre a criação da Leiga. Dr. Edson, o senhor conviveu bastante com o Naum, não é?

Edson: Sim, eu trabalhei com ele.

Lorena: O que tu lembras desse processo de criação? A gente vê pelos documentos que teve várias rugas entre os dois campos: os que queriam a Leiga e os católicos. Podes nos contar um pouco sobre este contexto?

Edson: É, eu estava falando para a Elisiane ali que uma das coisas mais importantes que teve foi o fato de que, para entender todo o processo de criação, foi o fato de duas faculdades serem criadas no mesmo ano, na mesma época. Então, uma cidade que na ocasião seria questionável se teria capacidade para uma faculdade de medicina, de repente teve duas, começando no mesmo ano e os recursos eram diferentes, porque houve durante muito tempo uma discussão entre o Doutor Naum e o Doutor Antônio sobre quem deveria criar, porque a ideia era formar uma Faculdade de Medicina em Pelotas, mas aí as coisas chegaram num ponto que o Doutor Antônio saltou na frente, porque ele tinha a prerrogativa e como ele tinha uma universidade, a universidade poderia criar uma faculdade, qualquer faculdade. Então eles tinham ciências econômicas, ciências contábeis, aquela coisa, e a Leiga foi feita como uma entidade, como uma faculdade isolada. Foi criado um instituto para ser mantenedora dessa faculdade porque houve, um pouquinho antes disso aí, uma famosa briga dos médicos aqui em Pelotas, que houve uma situação lá na Santa Casa, que não vem bem ao caso, e que os médicos todos migraram da Santa Casa para a Beneficência. Naquele tempo, o hospital que era mais frequentado era a Santa Casa, então, todos vieram. Inclusive, houve uma determinação de que nenhum médico poderia por questões éticas, não poderia fazer parte da Santa Casa. Então, os médicos vieram todos para a Beneficência e os médicos da Beneficência, através da Sociedade de Medicina, criaram a Faculdade de Medicina. E a Universidade Católica foi criada, assim, primeiro a faculdade. Eles tinham o hospital e nós tínhamos os professores, então, era uma coisa assim meio... Então, o grande medo que a gente tinha durante todo o processo da faculdade, além de ser isolada, era particular, e que fechasse no fim do ano. Porque havia uma história, não sei se era no Sergipe ou não sei o quê, porque a faculdade tinha licença para funcionar, depois ela tinha que ser reconhecida. O processo de reconhecimento é que viria durante o curso. Então, o pessoal da Católica, como tinha o hospital, diziam sempre que reconheceria antes. A gente tentou fazer uma fusão através dos alunos de baixo para cima, não dava certo, não dava certo... eles, não sei se pode constatar, eles se achavam melhores do que nós, porque eles tinham o hospital. Então, eles diziam que nós íamos fechar no fim do ano e nós fomos reconhecidos um ano

antes deles... passeata, foguete, na frente da Católica, tudo que tinha direito. Vingança é um prato que se come frio [risos]. E assim nós fomos até 1968. Durante todo o curso, nós ficamos isolados, particulares, pagando. Tinha aquela história de quem não pagasse a mensalidade, a nota não saía do quadro quando tinha prova.

Lorena: E isso acontecia de fato?

Edson: Sim, sim... Com o Doutor Naum... Mas nem todos podiam pagar. Eu estou colocando, por enquanto, as dificuldades que a gente sentia. Uma delas, uma outra dificuldade, é que, bem ainda relacionado com o ensino, é que nós tínhamos a famosa média 7, que o Doutor Naum instituiu, que era um terror, porque nós precisávamos ter média 7 durante o ano para entrar em exame, para tirar 7 no exame. Se eu tivesse média 10 durante o ano, eu ia a exame precisando de 4. Era assim.

Lorena: Mas como? Porque a média 10 seria mais...

Edson: Não, a média 7 era para entrar em exame.

Lorena: Entendi.

Edson: E depois, quer dizer, a soma do ano mais a média entre o ano e o exame tinha que ser sete, mas menos que sete, nem entrava em exame. Era complicado. Naquele tempo existia a segunda época. Depois a gente conseguiu, porque a segunda época era... explicar só um pouquinho, porque não é do tempo de vocês. Segundo a época, era uma prova de recuperação que os colégios fazem hoje em dia, naquele tempo era em fevereiro. Eu ficava dois meses me preparando com aquela espada em cima da cabeça, porque o exame era seriado, a matrícula era seriada. Então, se a gente rodasse em uma disciplina, teria que repetir todo o ano, todas as disciplinas. Não tinha matrícula por disciplina, então isso era uma coisa que nos causava bastante preocupação. E uma outra, também, que era um fator, talvez, complicador, principalmente a gente que era de fora, é que Pelotas não tinha estrutura universitária naquele tempo, então, tinha um restaurante universitário, que era aqui na Gonçalves Chaves, até o presidente era FAP, Federação Acadêmica de Pelotas. O presidente era o Bernardo, Bernardo de Souza.

Lorena: Olha só!

Edson: Ele que era o presidente. Então, alguns conseguiam comer alguma coisa, era mais o pessoal da Agronomia. Naquele tempo tinha Agronomia, a Odonto era quase sempre de gente daqui mesmo. A Odonto era, assim, de uma faixa etária um pouco mais velha. E o pessoal da Agronomia às vezes ficava lá fora, eles tinham uma Universidade Rural do Sul.

Lorena: Já tinha o Direito também à época...

Edson: Tinha o Direito, que também era mais assim uma coisa meio elitista, e então não tinham preocupação com os prédios para alugar. A gente conhecia os prédios de Pelotas pelo

nome, porque era meia dúzia, e não alugavam para estudante, porque achava que estudante só ia fazer farrá. Então esse era o conceito da época. Para estudante, não. Então, a gente tinha que morar em pensão. Porque as pensões, assim, que era geralmente banheiro coletivo... geralmente davam refeição, mas era assim, era um pacotão. Pensões, tipo, não sei se hoje existe ainda.

Lorena: Existem várias pensões na cidade...

Edson: Quase como se fosse pousada, não é? Só que a diferença é que os quartos não eram individuais, então, eu tive, assim, oito ou dez endereços...

Elisiane: Mas foi uma época boa para o senhor?

Edson: Foi, foi, assim, principalmente porque era tudo novidade, tudo, e essa história de ter que estudar, a gente tinha que estudar mesmo. Só que, assim, nós, como não tínhamos uma sede própria, a não ser alguns, uma pequena aula aqui da Beneficência, que era cedida para a faculdade, cedida... através de um aluguel, alguma coisa assim. Então, a gente tinha um estudo muito pulverizado. Então, era muito pulverizado, porque uma das características também daquela época é que a grande maioria dos professores... Primeiro, eles eram voluntários, ninguém recebia nada. Segundo, acho que não se contava, não tinham dez professores com experiência didática. Eram médicos dando aula. Depois a gente via retrospectivamente que era uma coisa muito artesanal, porque a primeira aula minha, era a primeira aula do professor também. Então, ele tinha que preparar uma semana, uma aula, porque eu era um médico que, de repente, “tu vais falar sobre pneumonia”, mas o senhor nunca na vida falou sobre pneumonia... leu, conhece e tal, mas nunca...

Lorena: Sim.

Edson: Então, era uma situação assim e, às vezes, a gente tinha que se sujeitar, por exemplo, aí tinha aula de psiquiatria lá no sanatório, tinha aula de uma outra no Centro de Saúde, tinha um centro de saúde ali embaixo...

Lorena: Sim, na Lobo?

Edson: Na Lobo da Costa ali... Tinham assim, aulas... então, a gente, às vezes, passava. E outra coisa, a indústria nacional de automobilismo estava começando. Nós contávamos pelos dedos os alunos que tinham carro. Ninguém tinha carro naquele tempo. A gente pegava o Fragata, o TURF e ia sempre de ônibus de linha e a estrada era totalmente esburacada. Então, a gente tinha muitas dificuldades e, talvez, todas essas dificuldades somadas... davam tipo um estímulo. A turma não era tão unida, assim... como de 50 alunos, chegou a ter duas associações, porque era uma coisa muito dividida... [risos]. Hoje, o pessoal “ah, amigos”. Não era bem assim não...

Lorena: Com o tempo fica a nostalgia, não é?

Edson: Eu sei.

Lorena: A gente lembra das coisas assim, do melhor que se pode ter.

Edson: É, isso era uma outra coisa que eu até ia comentar com vocês, que às vezes assim, a memória, primeiro que a memória trai muito a gente. Por questões de idade, de uma série de coisas, mas também eu acho que memória tem um pouco a ver assim como se fosse sonho, quando a gente tem um sonho, logo que acorda, lembra daquele sonho dali há duas horas, a gente tem uma vaga ideia que sonhou com uma certa pessoa, isso aconteceu muito comigo... e que as pessoas vinham contar pra mim coisas que eu tinha feito, que eu tenho certeza que eu não tinha feito. Claro, tem umas situações de festa, podia ser eventualmente, mas não...

Lorena: E o senhor estava falando, então, que a Leiga atuava mais na Beneficência, numa parte da Beneficência, e a Católica mais na Santa Casa?

Edson: Sim, sim.

Lorena: Seria isso? Por que não tinha ainda o hospital da Católica, não é?

Edson: Não, existia o hospital lá da Católica, mas era um hospital particular, que era de alguns médicos, depois a Católica comprou, Hospital Doutor Francisco Simões... esses tempos eu fiquei sabendo que o Simões esse, era Simões Lopes, mas ele não gostava de juntar o sobrenome.

Lorena: Sim, eu estudei sobre ele na minha tese de Doutorado. O senhor está falando uma coisa interessante que não apareceu ainda para nós, ou seja, o fato de que os primeiros professores não recebiam salário, eram voluntários.

Edson: Isso.

Lorena: E aí como é que eles se mantinham? Eles tinham clínica?

Edson: Sim, geralmente era da clínica, quer dizer, porque naquele tempo não existia concurso de admissão. Quando foi enviado para poder abrir a faculdade, vamos dizer, para ter a licença, para funcionar, então, foi elaborado toda uma lista de professores.

Lorena: Certo.

Edson: Então, geralmente, o médico que era mais conceituado, era o titular. Havia algumas situações, por exemplo, o Doutor Procyanoy, que tu deves ter conhecido, não é?

Lorena: Sim, sim.

Edson: Tu és aqui de Pelotas?

Lorena: Sou de Pelotas... O Dr. Procyanoy eu conheci por conta da pesquisa sobre judeus.

Edson: Sim, pois é. O doutor Procyanoy era professor na Odonto, então, como ele era o

mais experiente, vamos dizer assim, ele ficou como o titular da pediatria. Então, os nossos professores assim foram... e os outros eram, dependendo da área, da disponibilidade, da disposição, porque os professores tinham que se dispor a fazer aquilo ali, não é? Então, era uma coisa assim meio voluntariado, meio... tinha algumas coisas pessoais no meio. O Doutor Naum dizia que sempre a dona Clara, mulher dele, não aceitava, que às vezes ele brigava com o professor lá, no dia seguinte, a mulher do professor não cumprimentava ela [risos]. Eram umas coisas assim desse tipo. Então, era bem coisa, tinha muita coisa de interior.

Lorena: E Dr. Edson, pelo que a gente tem conversado com as pessoas, a mensalidade ela era um valor...

Edson: Alto!

Lorena: Sim, alto. Tu lembra, mais ou menos, tem alguma referência do que seria hoje, alguma coisa assim?

Edson: Não, não. Mudou tantas vezes a moeda.

Lorena: E nessa conjuntura de um valor alto, por que os professores não seriam pagos? Por que trabalhariam mais pelo amor?

Edson: É porque, eu acho, pelas condições de, vamos dizer assim...

Lorena: De início?

Edson: É que o aluno de Medicina sempre é um aluno muito caro. Então, eu acho que tinha uma manutenção para pagar os funcionários, coisas assim, isso sim, os funcionários tinham que receber alguma coisa... Falar nisso, um parêntese, uns 15 ou 20, não, talvez mais... uns 30 dias atrás eu encontrei ali no café, um sujeito que era contador da Medicina no meu tempo de aluno, o Renato. O Renato, ele foi, durante muito tempo aqui, um chefe da... não sei qual seria o título dele ali, o diretor das Ciências Econômicas ou Ciências Contábeis da Universidade Católica.

Lorena: A gente está em contato com uma senhora que foi secretária do Doutor Naum, tem 86 anos.

Edson: Qual o nome dela?

Lorena: Ignez

Edson: Ignez Schiavo.

Lorena: Isso mesmo, isso mesmo.

Edson: Ela foi secretária, mas depois ela foi para a universidade.

Lorena: A Ignez agora nós entramos em contato com o irmão dela e eles estão em Mato Grosso, mas a nossa ideia é entrevistá-la. Diz que ela lembra muito de tudo, e que ela foi várias vezes com o Doutor Naum a Brasília.

Edson: Sim, sim. O Doutor Naum fazia milagres, porque mesmo depois, quando eu já estava formado, trabalhando com ele, às vezes ele saía num domingo naquele tempo em que as viagens eram mais escassas, às vezes ele saía domingo de noite, saía daqui de Pelotas e quarta-feira ele estava de volta e já tinha conseguido um convênio, uma coisa assim... O Doutor Naum era uma pessoa, só vou contar algumas coisas...

Lorena: Claro!

Edson: Ele levava sempre pasta de pêssego e ele ia lá no Ministério da Educação, em vez de ele ir conversar com o ministro ou coisa assim, ele ia lá com o segundo ou terceiro escalão ver quem estava batendo o orçamento e ali ele descobria umas verbas. Na posse do Doutor Gigante como reitor, eu fui lá como macaco de auditório também, o doutor Naum foi. Na sala ele conseguiu um aparelho de raio-x para a faculdade. Ele era assim, desse jeito, uma pessoa persistente...

Lorena: Ele me parecia muito obstinado, muito batalhador.

Edson: Sim, sim. Só que assim, toda a universidade considerava ele como um ditador. Todos nós sabíamos, mesmo ainda quando alunos, o que significava a palavra “ad referendum”. Ele usava muito frequentemente. Tinha uma coisa, se havia o convênio, ele assinava ad referendum do colegiado.

Lorena: E depois?

Edson: Depois já está feito, aí fica. Ele fazia assim...

Lorena: Então, a forma de administrar dele era muito mais uma perspectiva individual mesmo?

Edson: Exatamente. Inclusive, uma das coisas também que é interessante, quando a faculdade foi incorporada à universidade, havia uma resistência muito grande da universidade em relação à Faculdade de Medicina. Porque a Medicina, quer a gente queira, quer não, sempre dá uma ideia assim numa certa elitização e o pessoal lá, todos aqueles titulares, estavam vendo assim, de repente, aparece uma sombra nas eleições, uma série de coisas, não é? Tem coisas do poder mesquinho. Então, os professores... quando nós fomos incorporados à universidade, os titulares da medicina passaram a se chamar titulares de departamento, era um quadro à parte. Não podia ser candidato a reitor, coisas desse tipo.

Lorena: Nessa questão da federalização, isso tem aparecido para nós também, com alguns discursos de algumas pessoas dizendo que um grupo de professores não queria a federalização, que queria que a Medicina continuasse privada. O senhor sabe alguma coisa

disso? Essa discussão teve mesmo?

Edson: Eu me lembro vagamente, não nesse aspecto do ser particular ou não, mas eu acho talvez pelo fato de ser isolada, é que muitas pessoas, alguns, não sei se seriam muitos ou alguns, não queriam viver sob a ingerência da universidade. Então, eles achavam que a universidade podia se meter, quer dizer, de repente a faculdade não tinha mais um regimento próprio, passava a ter um regimento da universidade, e aquele regimento como estava pronto, não é? Então tinha umas coisas assim, por exemplo, a disciplina que eu lecionei a vida inteira sempre foi uma disciplina optativa. Todos os alunos faziam, mas era optativa porque quando foi feito o registro lá, não existia essa disciplina. Então eu vivia pulando de galho em galho. Na época eu era de uma disciplina, depois de outra, depois de outra, até que se criou uma disciplina optativa que aí todo mundo fazia, mas era optativa, justamente porque esbarrava numa coisa do regimento. Então, tinha muita gente que não queria se submeter a essa forma. Os professores, eles todos tinham uma promessa do Doutor Naum, de que quando federalizassem, eles passavam à estrutura da universidade, que foi a principal razão, eu acho, assim que levou a federalizar, a ser incorporado, a primeira coisa que foi incorporada foi salário que o pessoal passou a receber, porque não recebia quase nada, a não ser alguns.

Lorena: As pessoas, enfim, trabalhavam e precisavam receber.

Edson: Mas as coisas da universidade eram umas coisas engraçadas assim, porque estava falando um negócio de documentos, eu quando fui me aposentar, eu, naquela época, me aposentei porque surgiu uma situação lá que eles iam passar um determinado valor, não sei se era da Previdência, porque nós passamos para entrar naquele negócio do regime jurídico único, antes era... teve outros regimes anteriores.

Lorena: Vocês deveriam ser celetistas.

Edson: Eu acho que sim.

Lorena: Com carteira assinada.

Edson: Sim, tinha carteira assinada, mas é que aí eu fui ver lá e faltavam dois anos, assim, para mim, para completar o tempo de aposentadoria... Aí um belo dia alguém me chamou lá do departamento pessoal, “olha uma página antes, tem outro contrato seu com mais dois anos” [risos], aí eu estava com o tempo sobrando já, aí eu esperei até terminar o fim do ano para não cortar a disciplina pela metade.

Elisiane: Lá no início, o senhor falou que existia a conversa de que a faculdade ia fechar no final do ano.

Edson: Sim, sim

Elisiane: Ela se mantinha só com mensalidades?

Edson: Tinham algumas verbas, tem uma história famosa, para início da criação da faculdade,

a IPESSE recebeu brizoletas...

Lorena: Isso, temos a foto do Brizola, na vinda a Pelotas, quando da fundação da IPESSE.

Edson: Exato, as brizoletas. Mas a preocupação não era essa, porque parece que naquele tempo, o último ano é o ano de estágio, então era o prazo máximo seria assim até o quinto ano, medicina são seis anos, não é? O quinto ano seria o prazo máximo para ela ser autorizada, se ela não fosse autorizada, quer dizer, autorizada não, reconhecida. A nossa foi no quarto ano e a Católica foi no quinto. Então, eles é que passaram a viver mais problemas.

Elisiane: Mas a minha pergunta foi em relação ao dinheiro, como a Faculdade se mantinha? Só com as mensalidades?

Edson: Eu acho que sim.

Lorena: E com alguma ajuda, que ele falou.

Edson: Alguma ajuda, sim. É, mais eram convênios, uma coisa assim que o doutor Naum conseguia. Ele fez um convênio com o Centro de Saúde para fazer exames ginecológicos de prevenção. Naquele tempo, inclusive, as prostitutas fichadas tinham que ter uma carteirinha sanitária, era o tempo das doenças transmissíveis.

Lorena: Que continua sendo o nosso tempo...

Edson: Quase tudo está voltando agora, a gente não consegue acabar com as doenças, a poliomielite, que é o pior de tudo agora voltando, absurdo. Eles conseguiram traumatizar a população de um jeito que ninguém mais acredita em vacina, acham que a vacina é ruim.

Lorena: Olha, é um período muito difícil.

Edson: Claro que é...

Elisiane: O senhor falou que vocês iam para a psiquiatria, para o posto de saúde para ter aula com professores.

Edson: Sim, sim.

Elisiane: E em que época era isso do curso?

Edson: Os dois primeiros anos eram considerados disciplinas básicas. E depois, então, a partir principalmente do quarto ano, em diante, quarto e quinto e sexto ano é que a gente tinha as disciplinas mais, assim, profissionalizantes. Uma das coisas que a gente fazia, que a gente queria, um sonho que todo mundo tem mesmo, que não é um sonho não, mas é uma fantasia que a gente tem que inclusive perguntava para a gente assim, quando eu fui o segundo, a segunda pessoa nascida na minha cidade que se formou em medicina. Não tinha gente. Então, nas férias, o pessoal perguntava, “você está operando?”. O conselho de médico era operar. E a gente então, depois da janta, nós íamos ali no Aquários, e aí alguém dizia,

“aquele lá é cirurgião”, então a gente chegava do lado do sujeito, “o senhor opera? posso assistir uma cirurgia sua?”. Frequentemente o pessoal deixava a gente assistir cirurgia, mas era assim, era um contato muito... eram coisas muito pessoais, porque eu acho que a maioria dos professores não tinha essa visão assim do todo. Tinham aquelas pessoas assim... quando a gente lida com agrupamento, é sempre assim, né? A gente sempre tem aquelas com empatia e outras que são indiferentes. As coisas eram conseguidas mais ou menos assim.

Lorena: Pelos contatos.

Edson: Inclusive, depois teve uma época também, porque naquele tempo o doutor Naum depois ele me dizia assim “eu não gosto de tal professor, mas eu preciso dos pacientes dele”. Porque, por exemplo, o médico que fosse cirurgião, então ele tinha 10 pacientes internados na Beneficência. Então, se eu estava no estágio de cirurgia, eu usava, quero dizer, ele me usava e eu o usava, não é? Era quase uma simbiose, uma relação mais ou menos harmônica, porque a gente fazia o trabalho braçal e, ao mesmo tempo, eles davam aula para a gente e eles recebiam. O paciente geralmente era do SUS, que naquele tempo não era SUS, eram outros institutos, então ele recebia do SUS e recebia depois alguma coisa da universidade ainda. O Zé Emílio é que acabou com isso, que dizia que a Medicina tinha bitributação, porque recebia do SUS e recebia da universidade. Então, a grande maioria dos professores era de vinte horas apenas. Também era um acordo do Doutor Naum com os professores. Ele pode ter o consultório dele e tudo, então ele dava aula no horário que ele tinha tempo, que ele tinha disposição. Nos primeiros anos, nós tivemos alguns professores de Porto Alegre, que vinham aqui para dar aula em determinados dias.

Lorena: Eram professores especialistas?

Edson: É, alguns deles, por exemplo, a Anatomia, que era o mais importante no primeiro ano, era a disciplina chefe, carro-chefe do primeiro ano, vinha um grupo de Porto Alegre que era ligado às duas universidades, ou a UFRGS ou a Católica. Naquele tempo, existia a Católica também como particular, não era a Fundação. Depois, no segundo ano, nós tivemos alguns professores da Odonto. Nova Cruz mesmo, que deve ter ouvido falar, não é?

Lorena: Sim, o professor responsável pelo grupo de Teatro!

Edson: Isso. Pois é, a Nova Cruz que era da minha disciplina. E uma outra diferença também que tinha... não era bem uma dificuldade, mas a gente vendo as coisas, por exemplo, em relação a hoje. Em relação a hoje, por exemplo, biofísica é uma disciplina que deve ter dois meses de duração, mas no nosso tempo era um ano inteiro. Bioquímica, mesma coisa, um ano inteiro. Microbiologia, um ano inteiro. Parasitologia, um ano inteiro. Então, assim, eram coisas que ficavam, às vezes, massacrando. Tinham aulas que eram massacrantes. Tinha uma aula, que eu não vou dizer o nome, mas tem uma salinha... lá fora, na Faculdade de Medicina, que era chamada de dormitório, porque as aulas eram uma e meia, com um camarada que falava assim, um tom sólido [risos]. Aquilo era um sono só e era muita projeção.

Elisiane: Ah, a doutora Laura falou isso.

Edson: Então tinha o dormitório, o dormitório era uma daquelas salas lá. E nós tínhamos só um prédio também, que foi o primeiro prédio, além do Instituto. O Instituto tinha muito pouca coisa que funcionava lá, era só a administração, vamos dizer assim, a direção.

Lorena: Sim, como é hoje.

Edson: E a biblioteca também era lá. Aliás, antes da biblioteca, era a boate nossa, que era, eu acho, o lugar mais bonito que tinha em Pelotas. Não sei se você conhece o prédio lá. O prédio é muito bonito!

Lorena: Do antigo Instituto, sim. E a boate da Leiga?

Edson: A boate da Leiga era onde era o serpentário. É que lá no tempo, aquilo lá era um Instituto de Higiene. Lá eles faziam vacina antirrábica, contra raiva, soro pra mordida de cobra. Então tinha um prédio, onde tinha... onde se criavam as cobras, para extrair o veneno, para fazer tipo o Butantan, como iniciou assim. Então o serpentário depois é que ficou como a boate da Leiga, mas no nosso tempo era no prédio do Instituto mesmo, era um ambiente bonito, era muito, era a boate mais chique que tinha em Pelotas, era da Leiga. Outra coisa também, que talvez fosse um fator que complicava um pouco, é porque nós entramos, isso é uma das coisas que eu estava falando igual do contexto, nós entramos na faculdade em 63 e em 64 teve o...

Lorena: O golpe.

Edson: Chame como quiser, eu prefiro deixar que vocês digam. Então, por exemplo, houve uma série de sanções. Assim, uma das primeiras foi eliminar os diretórios acadêmicos. O nosso diretório acadêmico chamava-se DANK

Lorena: Não, o DANK foi depois...

Edson: Foi depois...

Lorena: Que era uma homenagem ao Naum Keiserman...

Edson: Sim, era CEMP no início.

Elisiane: Ah, esse eu não sabia, ninguém falou ainda...

Edson: A Católica era CAMP, Centro Acadêmico de Medicina de Pelotas, e a nossa era Centro dos Estudantes de Medicina de Pelotas.

Lorena: O nome de Naum vem depois como uma homenagem. Não é isso?

Edson: Veio depois, é que depois o governo militar terminou com o diretório acadêmico. Era proibido ter diretório acadêmico. Nós tivemos um colega que se formou na Rússia, nós

tivemos colega que esteve preso no Nordeste, lá do Francisco Julião, daquelas ligas camponesas.

Elisiane: Colegas da sua turma?

Edson: Da minha turma. Um perdeu o ano... esse outro também... esse que esteve na Rússia, era uma coisa curiosa, porque era um sujeito que era bem comum, mas se ouve falar, ele entrou em 1963, ele veio transferido, ele era mais velho, tinha uns 28, 29 anos, ele veio transferido de Santa Maria, que era uma universidade pública, estruturada, autorizada e tudo, veio transferido para Pelotas pra uma faculdade particular, ele ficou representante da UNE, aqui em Pelotas. A revolução foi dia 31, dia primeiro de abril ele já estava em Montevideo. Depois ele foi para a França e depois ele se formou na Universidade Patrice Lumumba, que era aquela lá de Leningrado. Ele era agitador profissional, formado em política pela Universidade de São Paulo.

Lorena: Ele está vivo?

Edson: Não, morreu faz muito tempo.

Lorena: Interessante ver a biografia. O senhor lembra o nome dele?

Edson: Osmar Santos, talvez... mas ele veio como transferido, então ele não entra na lista dos aprovados. Tinha um outro, o outro é o da segunda turma, o Heitor, ele é psiquiatra no Rio, ele teve preso lá no Nordeste... Ele fazia parte daquelas ligas operárias, alguma coisa assim. E tivemos também, nós tínhamos um aluno, um colega de convênios. Era um boliviano, capitão de cavalaria. De vez em quando, ele aparecia de farda lá e dava aulas de marxismo. Era sobrinho de um daqueles, daquele tempo, Bolívia... trocava de presidente a cada três meses, uma coisa assim. Ele era sobrinho de um diplomata, uma coisa assim, também era engraçado porque ele tinha chance de ir para o Rio, para São Paulo e veio para Pelotas. Tinha umas coisas um pouco estranhas no ar.

Lorena: Bem, me diga uma coisa, a gente partiu para o período da ditadura civil-militar, então vamos tentar ir nesse caminho. Como é que foi esse período? A gente sabe que teve perseguições a professores.

Edson: Sim, sim.

Lorena: E claro, o professor que mais aparece nesse período foi o professor Amílcar Gigante, mas outros professores também passaram por problemas. O próprio professor Farid, que era também da FURG. O que o senhor lembra desse período com relação aos professores, aos alunos? Se pedia alguma coisa no modo de se portar? Como é que o senhor lembra disso? A sua turma, inclusive, eu acho que teve o Amílcar como homenageado.

Edson: Foi homenageado de honra, ele era muito meu amigo. Primeiro assim, eu acho que sempre, até pouco tempo, sempre a Medicina foi considerada um pouco alienada... usava

como pretexto o envolvimento, que exigia muito tempo da gente, mas de um modo geral as pessoas eram pouco politizadas. Então eu acho que assim, fazendo uma crítica um pouco mais pesada, mas assim, não é comigo. Isso não tem nada a ver comigo, não é? O Doutor Gigante veio para cá graças à revolução, porque ele era da Universidade Federal do Paraná, então, como ele foi cassado lá, então ele veio para cá, como aqui não era uma escola pública, uma escola particular, então ele ficou. Depois ele foi afastado em 69, parece... que aí, inclusive, a turma do Farid tinha ele como paraninfo e não puderam fazer a formatura. A parte do QG aqui, eles tinham proibido de fazer a formatura pública, porque a nossa formatura foi no Guarani, soleníssima, não é?

Lorena: Ele compareceu, o Amílcar?

Edson: Eu acho que sim. Não, naquela época ele...

Elisiane: A Doutora Laura disse que ele não chegou a ir.

Edson: Não sei, eu acho que foi em 69 que ele não foi... Detalhe de quem estava lá, algumas coisas que eu sei da formatura é que estava um calor infernal. A beca tinha sido feita pelo Carlos Alberto Motta, que era o cronista social. Era uma beca de tergal, um calor, um calor infernal. E na hora, enquanto nós estávamos lá no Guarani, estavam assinando o AI-5. Foi no mesmo dia e hora. Mas eu não sei, eu acho que ele foi afastado em 69, não foi em 68, não. Se ele foi ou não, eu não sei. É porque talvez o Doutor Naum, como ele tinha, assim, um rigorismo muito grande, em certas coisas, porque na verdade, uma colação de grau é uma sessão solene dos conselhos. Então, só fazia parte dos conselhos, e eu acho que o Doutor Gigante não era do conselho, de nenhum dos dois conselhos, era professor, mas não era...

Lorena: É, a gente está vendo, as pessoas têm algumas lembranças diferentes, como era de se esperar. A gente sabe que na terceira turma era uma senhora, uma moça, que era a oradora e na terceira turma, ele também seria homenageado e, pelo que ela contou, ele estaria indo para o Guarani, estaria um carro da polícia esperando por ele e ele não chega a entrar, mas isso seria a terceira turma...

Edson: Na terceira turma, a da minha mulher.

Lorena: 1970? É a terceira turma?

Edson: É, a turma da minha mulher, o paraninfo foi o Darcy.

Lorena: Bem, estamos construindo as narrativas, que formam uma espécie de mosaico de lembranças.

Edson: É, com o doutor Gigante eu convivi bastante com ele, assim... A única coisa que eu sei, assim, vamos dizer, que uma vez ele foi levado a Porto Alegre, para o DOPS. E ele se queixava amargamente que tinha levado, inclusive, um tapa na cara.

Lorena: Ele chegou a se afastar da faculdade?

Edson: Foi afastado! Só depois, quando veio a lei dos anistiados ele retornou. E, inclusive eu fui, eu era naquela ocasião presidente da ADUFPel, e nós fizemos um jantar lá no Manta, lá fora, um negócio assim com televisão e tudo, quatrocentos lugares esgotados, que eram cinco os afastados, não é? Mas da medicina era só o doutor Gigante. Tinha o Ápio Antunes, tinha o irmão dele, acho que Pio Antunes, tinha um que chamavam Manecão, eu acho, gente que não morava aqui, acho que eram cinco.

Lorena: Cinco professores? Aí a ADUFPel fez um jantar de acolhimento, foi isso?

Edson: Acolhimento! Nós fazíamos festa naquele tempo, depois é que a ADUFPel ficou muito sem graça, tinha jantar do dia dos professores sempre assim lotado, com casa cheia. Até no CTG nós fizemos com danças e com tudo, porque o presidente do CTG era amigo do Doutor Naum.

Lorena: O senhor está falando de que a Medicina não é muito engajada politicamente. Como é que o senhor virou presidente da ADUFPel? Nos conte sobre isso.

Edson: Sim, porque eu tinha feito um pouco antes um curso. Eu fiz uma pós-graduação na educação. Então, a gente teve contato com aquele pessoal mais arejado um pouco, era a Circe, a Carmen, o Osmar Schaeffer, o Galvão, mas não deu aula para mim, o Jandir, esse pessoal, então, quando começou a surgir aquela história da ADUFPel, de tentar criar a ADUFPel, então eles me convidaram por ser conhecido. A gente tinha um bom relacionamento e eu comecei a frequentar algumas reuniões. A ideia da ADUFPel tinha muita resistência, a ASUFPel foi criada um pouco antes quer dizer, a ASUFPel parece que já existia, mas ela existia em banho-maria, depois ela foi reativada quando começou a surgir a ideia da ADUFPel, que a reitoria tinha a obrigação de ser contra a ADUFPel. Então, eu fui escolhido basicamente por duas coisas, porque tinha outro emprego, além das 20 horas na Universidade. Então, se me botassem para fora da universidade, naquele tempo, podia botar para rua sumariamente, então não ia fazer tanto mal.

Lorena: Não deve ter sido só por isso, deve ser porque o senhor também seria um bom presidente.

Edson: E aí depois eles fizeram assim, inclusive no dia da eleição... no dia da eleição, acho que a assembleia mais concorrida, trouxeram gente que nem se sabia que era da universidade para votar aqui no Direito, de noite. Uma reunião foi das 8 até as 2 da manhã, não é? E o reitor convocou todos os diretores de todas as unidades para que cada unidade indicasse um professor, para fazer parte da Chapa 2, a nossa era a Chapa 1. Então, e eu sei por que o presidente era nosso conhecido, e o presidente da Chapa 2 veio nos cantar, uma hora antes da reunião por aí, se nós não aceitávamos ficar de vice, coisa assim, quer dizer, fazer uma composição entre as duas, negociar [risos]. Não, não teve, não teve diálogo.

Lorena: E ganharam bem?

Edson: Não, uma diferença muito apertada. Até hoje, eu duvido um pouco [risos]. Os escrutinadores eram o Doutor Naum e o Silvino, do Direito. E depois ficou uma coisa interessante, porque aí no ano seguinte também teria eleição, porque nós tínhamos terminado o nosso mandato e aí entrou uma outra chapa, que não podia ser, porque uma das coisas que a ADUFPEl exigia naquele tempo é que ninguém da diretoria podia ter qualquer cargo diretivo, de chefia...

Lorena: É assim até hoje.

Edson: Pois é, era para separar bem as coisas, e tinha um deles, da outra chapa, que tinha algum cargo lá, então nós impugnamos. E aí, às oito horas da manhã, até hoje ainda tem na internet o meu nome lá, às oito horas da manhã eu recebo um oficial de justiça que tinha entrado com uma ação liminar, uma coisa assim, cancelando a eleição. Nós tivemos que ficar mais um ano e pouco, porque não tinha outra chapa. Não tinha outro jeito, porque a eleição já tinha terminado. Nós estávamos seguindo o regimento que nós mesmos fizemos. Fizemos um regimento duro demais para nós.

Lorena: Deixa eu lhe perguntar uma coisa e vamos voltar um pouquinho. E quanto às pessoas costumavam frequentar os cursos de medicina? Eram pessoas mais da elite? Existiam pessoas de classes populares? Existiam bolsas para quem não podia pagar?

Edson: Tinha, parece que tinham algumas bolsas, mas isso foi mais adiante um pouco, porque na nossa turma, na primeira turma, eram 50 vagas. Então, era praticamente a coisa fechada. Mas depois, no ano seguinte, que já era o governo militar, então para acabar com aquela coisa de excedente, para tentar o governo ser bonzinho, abrir mais vagas, aquela coisa toda, eles faziam assim, eles forneciam algumas verbas, porque até hoje as escolas particulares, muitas vezes, recebem mais dinheiro do que, proporcionalmente as demais, não é? Então, a segunda turma já eram 70 alunos, quer dizer, era a condição para fornecer um pouco mais de verba ou para não cair as verbas, tinha que ser 70. Na seguinte, 90, na turma da minha mulher, 90 pessoas entraram.

Lorena: E algumas dessas vagas eram meio que subsidiadas?

Edson: É, mais ou menos, mas é só que aí também o pessoal... quando foi criado, no primeiro ano, acho que pegou a coisa um pouco de surpresa... a cidade. Nós tínhamos, dos 50, até eram 8 de Pelotas. O resto era tudo de fora. Uma vez um professor queria nos ofender bastante e disse que nós éramos refugio de vestibular, porque todos que tinham feito... todos da nossa turma já tinham feito, no mínimo, um vestibular. Porque naquele tempo os vestibulares eram feitos em épocas diferentes, a ter propósito, como caça-níquel. Quando eu fiz, eu me lembro que era assim, eu fiz na Federal do Paraná, que terminava no sábado e no domingo começava a Católica do Paraná, e até segunda ou terça-feira, terça-feira de noite, se pegasse um ônibus, fazia Florianópolis no outro dia. Florianópolis eram 28 vagas, e a Católica do Paraná eram 30 vagas, era uma coisa muito elitizada naquele tempo. E aqui, a primeira

turma era gente de idade um pouco maior. Eu não sou exatamente o mais novo da turma, por uma diferença de 12 dias um ao outro. Depois, na segunda turma, já abriu um pouquinho mais. Na terceira turma, que era a turma da minha mulher, então já tinha, não sei se doze mulheres ou quinze mulheres, na minha turma eram quatro.

Lorena: E me diga uma coisa, até quando a Medicina foi paga?

Edson: Sim, sim, a minha mulher que se formou em 1970, acho que ela pagou toda.

Lorena: Pagou toda também?

Edson: É... Eu não sei, talvez vocês depois tenham que confrontar um pouco esses dados com os dados de datas específicas, porque eu não sei. Não sei dizer para vocês em que ano que foi incorporada.

Lorena: Sim, foi em 1978. E me diga uma coisa, eu fiquei com uma dúvida. O senhor falou sobre o sanatório que vocês iam quando eram alunos. Qual era o sanatório?

Edson: O Espírita.

Lorena: Ah, o Espírita. É que eu fiquei pensando, porque um tempo teve o Veloso.

Edson: Segundo o Doutor Gigante, a única diferença é que nós entrávamos de jaleco, era a única diferença [risos]. E ele, durante algum tempo, ele foi clínico do sanatório e contava a história que uma noite ele foi chamado de madrugada lá para atender um caso e ele se vestiu no escuro, pra não acordar a dona Anita e tal, e quando ele chegou lá ele viu que ele estava, parece que com um sapato marrom e o outro preto [risos]. Ele dizia se veem, eu não saio...

Lorena: [risos]

Edson: [risos] A diferença que tinha, a outra diferença é que uns tinham chave e outros não.

Lorena: E me diga uma coisa, o senhor falou uma coisa interessante também, que não tinha aparecido, ou seja, o fato de que vocês, alunos da Leiga e da Católica, em alguns momentos estiveram juntos, foi isso?

Edson: É, alguns, não assim, nunca teve uma assembleia, nunca teve uma assembleia, mas tinha alguns, não por sugestão dos grupos, mas alguns que estavam preocupados um pouco mais com esse aspecto, não sei se com o aspecto financeiro ou não, tentaram a aproximação, mas a gente só ficava sabendo de alguma coisa porque havia uma rivalidade muito grande. Qualquer coisa... naquele tempo existia um negócio que era mais ou menos tradicional no Brasil inteiro, nós tínhamos um futebol de salão med-med. Med-med era dentro de um ginásio, grupo da medicina, as duas medicinas se confrontando. Um ambiente fechado dava de tudo, dava de tudo. A gente, eles, quando algum de nós se machucava, eles diziam, “leva para o hospital da Leiga”, porque nós não tínhamos e a gente chamava eles de “gigolô do bispo”.

Lorena: Mas sempre tinha muitas coisas, assim, esportivas, não é? Porque a gente viu que teve um evento que era o Faridão, que era um evento esportivo que botaram o nome do doutor Farid.

Edson: Sim

Elisiane: Sim, mas nessa época da rivalidade não tinha aparecido.

Edson: É, inclusive, assim, umas coisas porque eles se consideravam elite. Então, uma das coisas que eles fizeram, curioso, é porque tanto nós como eles, nós não tínhamos veterano. Então, não tendo veterano, não tem calouro. Não tem calouro, não tem trote. Então, que é uma coisa que hoje é discutida, aquela coisa toda, bullying e esse negócio, mas naquele tempo existiam uns trotes um pouco pesados até, não é? E eles, uma maneira deles serem reconhecidos como sendo da Católica, eles se obrigaram, o diretório acadêmico deles, a usar um crachá, que naquele tempo não se usava, escrito “Medicina”. Como é que eles iam ser reconhecidos na rua como o quê? De repente assim foi um... partidão. As moças daqui, as moças, as mães não queriam que as filhas namorassem médicos... Era um status, mas tinha o risco de levar a filha embora, quando casasse. Então não queriam.

Lorena: E esse pessoal da Católica usava o crachá na rua, assim, para sair?

Edson: Sim, era na rua, porque pagava multa para o diretório. É um jeito de aparecer.

Lorena: É um traço distintivo mesmo.

Edson: Sim, sim.

Elisiane: E vocês não tinham nada?

Edson: Não.

Elisiane: Mas a Odonto também já tinha nessa época, eles usavam uma boina...

Edson: Tinha em algum lugar, por exemplo, cada faculdade se caracterizava por um chapéu.

Elisiane: Isso!

Edson: Nós não tivemos, mas no tempo do Farid e no tempo da Vera, que é a terceira turma, eles usavam aquele chapéu que eles chamavam na época, não sei se era de palhinha, que é um chapéu com uma copa bem curta, que é um redondo assim. Naquele tempo existia, inclusive, a passeata dos calouros, que era um negócio muito interessante, mas o tempo dela já pegou mais do tempo da revolução, mas nós chegamos a pegar um que antes da revolução.

Lorena: Mas vocês tiveram passeata de calouros?

Edson: Existia a passeata universitária... a universitária era muito divertida, era muito divertido. Eu nunca me esqueço, assim, algumas coisas, por exemplo, alguém saindo com

um travesseiro, na barriga, simulando uma gravidez, um homem, naturalmente, não é? Dizendo assim, “não dou à luz, senão o Brizola me encampa”. Porque ele tinha encampado a Light em Porto Alegre.

Lorena: [risos] Não, olha é cada situação...

Edson: É, não as críticas, naquele tempo... existia aquela do gato pelado contra as galinhas gordas, mas tinha essas também, agronomia, também outra que eles colocaram, logo no ano que surgiu a medicina, então uma frase que também eu achava genial, que diz assim, dito pela agronomia, “o nosso erro a terra mostra, o erro deles a terra esconde”. Tem coisa curiosa, eu gosto muito de coisas divertidas, acho que a vida sempre tem que ser vista do lado alegre.

Lorena: É verdade... O senhor é um ótimo narrador.

Edson: Eu gosto, o meu problema é me conter ...

Lorena: Então, o senhor possui lembranças a respeito da aula inaugural que foi realizada na faculdade, pelo professor Clóvis Salgado?

Edson: Sim.

Lorena: Como é que foi? Tinham muitos alunos?

Edson: Tinha, todo mundo, inclusive, foi uma noite aqui no Direito e depois nós tínhamos aí logo, foi acho que oito horas da noite, quando nós fomos fazer a matrícula, a matrícula lá no Fragata, eu fui lá, aí me disseram “tal dia, dali a dois dias, ou dali a três dias, vai ter aula inaugural às oito no direito”. Oito da manhã eu estava aí, não era... era oito da noite! Ficou assim, não sei se era confusão da gente ou confusão do pessoal na hora de transmitir... E depois ia ter um jantar americano, que naquele tempo se chamava jantar americano, um buffet... o buffet era chamado de jantar americano...no Diamantinos. E a gente foi tudo a pé, porque ninguém tinha carro, não é? Mas naquele tempo dava para andar a pé.

Lorena: E muita gente se fez presente?

Edson: Eu acho assim que tinha a maior parte dos alunos, talvez alguns que seriam futuros professores e, eventualmente, algum familiar, é que era o pessoal daqui. Nós tivemos inclusive colega de cinquenta e poucos anos, não é? Ele não se formou aqui.

Lorena: Era o mais velho da turma?

Edson: O mais velho da turma e depois até uma vez saiu uma reportagem num jornal lá que o médico mais velho do Brasil, tinha se formado, que era ele, na Bahia.

Lorena: E o senhor tem alguma foto desse dia da aula inaugural ou não?

Edson: Não, naquele tempo não existiam muitas fotos.

Lorena: Sim, havia pouquíssimas fotos. As fotos da minha infância, por exemplo, eu tinha

poucas porque era só quando o fotógrafo andava pela minha rua.

Edson: Exato, nós tínhamos um colega de turma, que também não vou citar o nome, que ele era um excelente fotógrafo, excelente assim, mas era daqueles que fazia foto, ele mesmo revelava, uma coisa assim. Então, às vezes a gente estava em um grupo assim, ele resolvia, o dia que ele lembrava, lá ele tirava uma foto e depois assim, se ele tirava para seis pessoas, depois tu recebia um papelzinho, filme, tanto, coisa tanto, ele cobrava da gente assim, mas o valor de custo, real, valor real.

Lorena: Era seu colega de turma?

Edson: Sim, muito amigo.

Lorena: E como é que eram essas aulas práticas? A gente falou bastante das aulas teóricas, o senhor disse que as aulas práticas começavam mais no terceiro, quarto ano...

Edson: Sim, sim.

Lorena: Aconteciam mais no hospital mesmo? Quem eram os pacientes? Eram pacientes de baixa renda? Como é que se dava isso?

Edson: É, depois eles abriram um ambulatório lá atrás, nos fundos da Beneficência, que a faculdade alugava só dois andares ali, sendo que dois eram auditórios, tinha mais uma parte de secretaria também, e ela alugou um casarão, que era do outro lado da rua, atravessando a Osório. E geralmente, no início pelo menos, os pacientes eram recrutados, eram recrutados! Porque para nós, assim, como a faculdade estava começando, então alguns médicos traziam pacientes para demonstrarem a construção de um diagnóstico. Eu me lembro, por exemplo, naquele tempo se internava tuberculoso e tinha alguns que levavam pacientes tuberculosos lá para a gente auscultar, imagina um pulmão de tuberculoso há 60 anos atrás... A gente só via tuberculose daquelas, não é? A gente precisava de internação. Então, havia a promessa do exame grátis, amostra grátis, algumas coisas. Tinha, por exemplo, as aulas lá no Centro de Saúde, nós tínhamos aulas de dermatologia, naquele tempo a dermatologia chamava-se dermatologia e sifilografia. Então as doenças venéreas, principalmente de homens, eram vistas por nós. Então a gente ficava assim num grupo, como nós éramos 50, geralmente era dividido em quatro grupos, que dava 12, mais ou menos em cada grupo. Então a gente ficava assim, no semicírculo, e o professor fazendo a função dele. Muitas vezes ele já conhecia o caso, outras vezes não, então ele...o paciente tirava a roupa, uma coisa meio constrangedora, não é? E depois que o paciente saía, ele explicava “isso é assim, isso foi assim”... Porque não tinha quase slide, não tinha material, né? As aulas, por exemplo, práticas de anatomia, eram feitas com os cadáveres que eram trazidos de Curitiba. Na parte da histologia, que era o pessoal da Odonto, eles forneciam lâminas, lâminas que fossem duplicadas, ou às vezes da própria coleção particular. Cirurgia a gente assistia com os médicos que aceitavam que a gente acompanhasse. Era um laboratório, a gente tinha algumas aulas sobre reações químicas, principalmente esses exames que eram feitos naquele tempo, o exame de glicose, de

colesterol não estava tão em moda, esses exames desse tipo. A sífilis era medida em cruces, era um exame que existia antigamente, então era muito comum a gente ouvir o paciente dizer assim “eu estou com duas cruces no sangue”. O exame era positivo 1, positivo 2, positivo 3 ou positivo 4, o número de cruces.

Lorena: E havia muitos casos, Edson, de sífilis na época?

Edson: Tinha, mas eu acho que hoje em dia até relativamente a gente vê em gente mais jovem. E aparentemente assim, sem cara de sífilítico. Antigamente, quase que tinha um perfil...

Lorena: Sim, por que os casos eram de situações avançadas?

Edson: É, exato. E quase sempre chegava na fase da secundária, não é?

Lorena: E me diz uma coisa... E sobre a questão do grupo, assim, existiam negros na sala de aula?

Edson: Nós tínhamos um negro, Joaquim.

Lorena: E o Joaquim se formou com vocês?

Edson: Formou, mas um ano depois. O Joaquim tinha uma curiosidade, porque eu descobri que o Joaquim fazia aniversário no mesmo dia que eu e ele morava aqui na Rua XV, ali naquele, um dos primeiros prédios, tipo Cohab, que existiu. Um prédio bem antigo, quase na última quadra...

Lorena: Onde é a nova sede da ADUFPel, talvez? Bem perto da Conde de Porto Alegre?

Edson: Deve ser por ali, é! Então ele fazia aniversário no mesmo dia que eu, então todos os anos ele me convidava para almoçar. Eu almoçava na casa dele todos os anos. Depois morreu num acidente de automóvel na saída da ponte de Rio Grande.

Lorena: E a gente estava falando de mulheres e homens, e se percebe hoje, que tem muitos casos de denúncia, de assédio. As mulheres estão falando muito mais, sobretudo a partir das redes sociais. Tu lembrás se existia algum tipo de tratamento diferenciado a elas?

Edson: Tinha. O contrário. Elas eram extremamente respeitadas... Respeitadas assim de uma maneira que, e curiosamente, nós tínhamos quatro moças e cada uma delas pertencia a uma turma. Nós éramos divididos assim...

Lorena: Em grupos?

Edson: Era sempre fácil de dividir, então cada uma delas fazia parte de um grupo. Então era uma coisa assim bem curiosa, mas elas eram já de idade um pouquinho mais avançada. A Laura, inclusive, que era da minha turma... Chamava de brinquedo, mas até hoje eu chamo de dona Laura porque ela era casada.

Lorena: E os professores cobravam que vocês tivessem esse respeito ou era uma coisa da turma mesmo?

Edson: Era uma coisa meio natural. Era assim, mais respeito, eu me lembro que uma vez até fizeram uma brincadeira que hoje em dia seria totalmente idiota, com uma delas, ah, não prestou aquilo, mas aí eu também, eu fazia com outro colega lá, bobagem, nós fazíamos tipo um jornalzinho mural, então a gente mexeu tanto naquilo assim, de uma maneira que, para anular totalmente, que foi esquecido. Uma coisa assim, era uma bobagem, uma coisa assim que hoje em dia seria ridícula, não é? Meus filhos dizem muito mais palavrão do que eu... eu nunca digo palavrão.

Lorena: E esse jornalzinho, vocês faziam e distribuíam?

Edson: Não, não. Era mural.

Elisiane: Mas tinha um jornal, não tinha?

Edson: Não sei se teve. Teve uma revista que alguns... algumas coisas de diretório. Eu me lembro que uma vez eu tenho escrito um artigo para uma dessas revistas da medicina. Mas aí já como professor. Outro jornal chamava-se O Cadáver.

Lorena: Tinha o jornal O Cadáver?

Edson: É, o mural. É que a gente às vezes tem um pouco de dificuldade de saber, porque a gente vivia sempre num regime de dinheiro curto. E hoje eles vivem assim, quer dizer, eles têm que ampliar o estacionamento da faculdade, porque não tem onde estacionar todos os carros. Naquele tempo ninguém tinha carro. Então coisas nesse tipo.

Lorena: E me diz uma coisa, e como foi seu ingresso como professor? O senhor se formou, foi convidado, como é que foi? A gente sabe que na época não existia concurso.

Edson: Sim, sim. É que no início, bom, já assim, eu me formei em 68. Então, em 69, eu fiquei aqui em Pelotas. Então, o doutor Naum criou uma situação que aí é que depois eu descobri que eu já estava incluído como professor e eu nem me considerava professor. Ele criou um serviço que não existia, acho que aqui em Pelotas, que era um sistema de plantão médico, cada um de nós ficava 24 horas dentro do hospital. Quando saía, em um período de duas horas, tinha que trazer um substituto. Então a gente tinha 24 horas... e a gente dormia lá. E nós, como naquele tempo a gente já estava formado, então a turma anterior, a turma do Farid, era sextanista. Então, alguns faziam estágio de sexto ano aqui em Pelotas, outros faziam fora e então, nós dormíamos lá então qualquer paciente que internasse, mesmo que já viesse encaminhado pelo médico para internar lá no hospital, nós tínhamos que examinar. Então, sempre, esses quando chegava um desses pacientes, avisavam a gente ou alguma intercorrência à noite, uma emergência, alguma coisa desse tipo, naquele tempo não existia pronto-socorro. Então, a gente atendia junto com o sextanista. A gente sempre ficava como um, acho que naquela ocasião, chamava-se instrutor de ensino. Aí, depois, no ano seguinte,

eu tive que me afastar, porque eu fui convocado para o Exército. Eu tive que servir como médico em 1970, em Bagé. Terra do Médici. Eu fiz parte do cortejo do Médici.

Lorena: Como é que foi isso? Quanto tempo teve que ficar?

Edson: Um ano, era um ano obrigatório, porque como eu tinha feito o sexto ano no Rio, então na ocasião, a gente no sexto ano tinha que se apresentar no quartel e naquele tempo aqui tinha sido criado o NPOR, e era um número de candidatos era muito maior que vaga, então só jogavam para o ano seguinte. No sexto ano como a gente estava no Rio não sabia disso aí, então, nós não nos apresentamos. Eu não me apresentei. E isso aí, no caso, era considerado depois como refratário, segundo os termos do exército, quer dizer é como se eu fosse um...

Lorena: Espécie de um desertor.

Edson: Desertor.

Lorena: E foi para o Rio?

Edson: E aí era obrigado. Sexto ano tinha uns que fizeram em Brasília, uns fizeram em São Paulo, uns fizeram no Rio, uns em Porto Alegre.

Lorena: Para atuar no hospital?

Edson: No hospital, geralmente chamava de interno, era chamado de internato. Então, dependendo do estágio, alguns ficavam dois meses em São Paulo, outros ficavam quatro. Nós ficamos um ano inteiro no Rio.

Lorena: E lá tu atuaste no que, Dr. Edson?

Edson: Tudo, todas as disciplinas.

Lorena: Clínica geral?

Edson: Clínica, cirurgia, pediatria e ginecologia e obstetrícia que eram as quatro grandes áreas do sexto ano.

Lorena: Bom, e tu atuaste muito tempo com o Naum?

Edson: Sim.

Lorena: Como é que foi essa aproximação? Tu já nos falaste um pouquinho dele.

Edson: Foi principalmente... até quem me convidou para trabalhar com ele foi o Doutor Gigante, porque eu estava no quartel, estava em Bagé, e nos fins de semana, para eu não ficar totalmente alienado de tudo, inclusive da medicina, então nos fins de semana eu fazia plantão no pronto-socorro da Beneficência, que tinha sido aberto naquele... Um dia o Doutor

Gigante veio falar comigo dizendo que o doutor Naum estava muito atrapalhado com o negócio de dar conta de tudo, porque ele trabalhava lá no consultório, na Beneficência e na faculdade e as coisas da faculdade estavam envolvendo cada vez mais e aí o Doutor Gigante perguntou se eu não queria fazer radiologia para trabalhar com o Doutor Naum. O doutor Naum tem um filho que é radiologista em São Paulo, então ele me conseguia uma vaga como voluntário. Então eu fui para São Paulo como voluntário, porque a minha mulher queria fazer obstetria também, ela queria fazer em São Paulo, que seria o mais adequado para ela. Então nós ficamos... eu fiquei aquele ano em Bagé, nós casados, eu em Bagé e ela aqui fazendo o sexto ano, não é?

Lorena: E quando foste para o quartel, atendias a tropa, isso como médico?

Edson: Sim, mas eu consegui porque no quartel era assim, no ano que eu fiz eram 18 vagas no estado. Então, a gente tinha prova todos os dias, todas as aulas... E o somatório, então, te dava a classificação, que aí o primeiro lugar tinha 18 vagas para escolher, o segundo lugar tinha 17, eu tirei o terceiro lugar, aí eu tinha tudo. São Leopoldo, Porto Alegre, não sei o quê, Pelotas não existia. Então eu fui pra Bagé. Bagé tinha quatro vagas, mas uma era no hospital, que eu preferi fazer no hospital, claro não é que eu soubesse que era mais light ou não, mas se observou que era bem mais light, né? Então, a tropa geralmente era atendida na tropa.

Lorena: E sobre a radiologia, o Doutor Naum atuou muito com a questão da tuberculose. Nesta época já havia medicamentos específicos para a tuberculose?

Edson: Sim, existiam. O esquema clássico existia.

Lorena: E a radiologia era muito demandada para que tipos de doença? Ainda tuberculose? que tipo de coisa vocês viam?

Edson: É, era de um modo geral aqui em Pelotas era muito para tuberculose, porque naquele tempo tinham aquelas 26 fábricas de conserva. Então eles não admitiam, e era o que era a grande demanda de emprego aqui em Pelotas, era a safra do pêssego. Então eles só admitiam pessoal que não tivesse tuberculose, que é uma coisa óbvia, tratar com alimento e tudo. Então, chegava, sempre tinha esse pessoal que tinha que fazer exame, era o que predominava. Naquele tempo, a tuberculose era internada, não é? Tinham umas coisas curiosas que as pessoas não conhecem. Já havia, frequentemente não, mas com alguma frequência, gente que mandava um parente fazer a radiografia para não aparecer a cicatriz da tuberculose, que a tuberculose frequentemente deixa cicatriz no pulmão. Então, se aparecesse aquela cicatriz, não seria admitido, porque a oferta era muito maior do que a procura.

Lorena: Mas que período difícil.

Edson: Muito difícil.

Lorena: Precisavam trabalhar, tinham tido uma doença e não podiam trabalhar. Á época ainda era uma doença importante. Era uma doença com um número grande de casos. Não

sei se tu acompanhas a tuberculose ainda hoje, que tem números impressionantes.

Edson: A tuberculose hoje ela não é assim tão... porque eu ainda tenho alguma atividade ali na Santa Casa, não é? E não é mais assim com tanta frequência. A gente observa um pouco mais em pacientes jovens. Talvez, diria, não tanto por droga. Porque as drogas, a não ser assim que a pessoa, não é pela droga, é pelo efeito da droga. Se a pessoa estiver inconsciente durante uma boa parte do dia, tem mais chance de se afogar, de se engasgar, de conviver na rua, mas é principalmente a que pode trazer um pouco mais de problema é o crack, isso sim, o crack... mas o resto a gente vê mais em paciente jovem, uma certa promiscuidade e de uma forma um pouco atípica, não é mais aquela tuberculose de antigamente, é uma tuberculose que mais se relaciona um pouco com AIDS, é uma forma um pouco diferente e felizmente pouco transmissível, né? Isso aí, tinha um professor que dizia uma coisa que eu acho que é bem verdade. Ele dizia assim, a gente não tem a doença que a gente quer, a gente tem a doença que a gente pode ter, porque se a gente pegar, por exemplo, uma coisa bem corriqueira, o fumo, se nós pegarmos dez fumantes, um vai morrer de câncer de pulmão, dois vão ter problema de coronária, outros vão ter morte súbita e outros vão morrer da próstata. Não tem nada a ver, quer dizer, precisa haver um território adequado, quer dizer, do ponto de vista principalmente de hereditariedade. Então a pessoa, a gente pode se submeter a... A gente vê, por exemplo, quem trabalha em mina, quem trabalha em pedreira, nem todos vão ser afetados. E uns vão ser afetados de uma maneira violenta, eu cheguei a ver caso de gente com 18 anos morrer por trabalhar com ladrilho, é muito pior... os ladrilhos, o azulejo, tem que polir, é uma poeira finíssima, entra no pulmão... se a pessoa tem reação, tem alguma coisa que favorece... Desculpa eu estar me alongando.

Lorena: Não, não, eu acho ótimo, está ótimo. E me diz uma coisa, tem algum professor ou professora que seja lembrado por ti? A memória, ela é muito afeto, alguma coisa, às vezes, nos marca mais. Algum professor que te venha à lembrança?

Edson: É o Gigante, não é?

Lorena: O Gigante.

Edson: Outro com quem eu convivia bastante, é dizer, eu tive sorte entre coisas. A minha mãe dizia que quem nasce no domingo sempre tem mais sorte que os outros, eu nasci no domingo. E eu consegui conviver com o Doutor Naum, com o Doutor Gigante eu convivi bastante, e com o Kurt.

Lorena: Ah, o Kurt.

Edson: O Kurt também, foi ele que criou toda essa beleza que é o Departamento de Medicina Social, não é? Eu conheci todos eles vindo para cá, fui fiador de vários deles.

Lorena: E não só o Departamento de Medicina Social, ele foi o pioneiro, foi ele que articulou a enfermagem.

Edson: Sim, também.

Lorena: Ele teve um papel fundamental nisso!

Edson: Exato, não e a técnica dele...É que o Kurt tinha a cabeça muito complicada, muito complicada. A cabeça do Kurt não era fácil...

Lorena: Mas no que?

Edson: Assim, coisas do temperamento dele, ele lutou boxe, ele foi engenheiro antes de ser médico, a pós-graduação que ele fez em Londres, ele era fotógrafo de moda, ele era um excelente fotógrafo, um fotógrafo assim de mão cheia, escritor de romances...

Lorena: É mesmo? Que figura...

Edson: Era muito figura...

Lorena: E inteligentíssimo.

Edson: Mas ele gostava de, inclusive, quando eles começaram a residência em medicina social, antes do César estar aí ainda, eu acho, perto da época, nós tínhamos uma reunião semanal com os residentes, que era o doutor Gigante, o Kurt e eu. Era uma delícia, aquela tarde era uma tarde, assim, que a gente saía de... desculpa a expressão, mas quase em orgasmo. Era uma coisa...

Lorena: E os dois, o Doutor Gigante era um excelente narrador. Ele contava muitas histórias. É uma pena, que acho que ninguém o entrevistou. Hoje, para a gente ter alguma coisa dele só através dos filhos.

Elisiane: Ah, e na internet não tem quase nada...

Lorena: Não tem nada, é impressionante porque o Kurt tem depoimento escrito pelo filho, tu achas coisa do Kurt, mas do Gigante é pouca coisa. É uma pena.

Edson: Não, eu convivi muito com ele, muito, muito, muito. Ele foi meu padrinho de casamento. Eu, infelizmente, que fiz o diagnóstico dele.

Lorena: Ele faleceu do quê?

Edson: Câncer de rim... E as frases que ele me dizia, eu até tenho assim, é que eu sou muito preguiçoso de fazer, de botar as coisas no papel, de escrever. Então, mas um dos projetos que eu sempre tive, assim, é frases do doutor Gigante. Ele tem frases, assim, geniais, geniais.

Elisiane: E o senhor lembra de algumas?

Edson: Sim, sim. Assim, o contexto, por exemplo, uma frase que eu acho dele “antibiótico é como o nome do senhor, não deve ser usado em vão.” Outra frase que ele me diz, que eu me lembro sempre agora essas semanas, “em eleição só tem uma coisa feia: perder.”

Lorena: E não tens, Edson, assim registros, alguma coisa que ele tenha escrito, nada assim que tu tenhas?

Edson: Não, ele escrevia pouco até, escrevia muito bem e falava melhor ainda.

Lorena: Ele foi orador da minha turma de graduação. A minha turma foi a primeira turma em que ele foi como reitor eleito não nomeado. A gente estava se formando, não era uma formatura externa, mas interna, mas a gente tinha atuado muito na eleição dele. Então, nós o convidamos para ir à nossa formatura, como reitor. Nós não convidamos a reitoria, convidamos ele. E ele fez uma fala belíssima.

Edson: Eu me lembro de uma frase que uma vez, eu às vezes assim, quando acontecia de ele falar num lugar que eu estava, às vezes eu ia lá conversar um pouquinho, alguma coisa e nós sempre fomos de trocar frase, coisas desse tipo. Eu nunca me esqueço de uma que eu disse para ele, que foi assim...que era uma música do Chico Buarque e da Nara Leão, “vence na vida quem diz sim...” Então ele achou bom, daqui a pouco ele citava assim, ele só me olhava...

Lorena: Existia semana acadêmica na época?

Edson: Não.

Lorena: Não? Como é que vocês socializavam? Falou da Leiga, a Leiga era um lugar de socialização, vocês iam muito na boate? Como é que vocês...

Edson: Não, assim era... A gente socializava assim, um pouco na boate, a boate era um pouco elitista também, assim, naquele tempo uma moça não poderia sair sozinha de jeito nenhum, nem em duas ou três, era geralmente a moça e a mãe. Então, a gente ia na boate, nos bares, tinha alguns poucos bares aí que a gente frequentava, geralmente depois do cinema, porque o programa naquele tempo, quer dizer, além do domingo no Capitólio, que era obrigado a fila, chegava na XV para ir seja lá o que for, o pessoal estava na fila “que filme tá passando?” “não sei”. Era obrigatório, principalmente via a saída do Capitólio, quando a gente não conseguia o cinema e depois do cinema, que terminava às 10 horas, aí a gente ia, às vezes, num barzinho assim, ficava conversando um pouco, jogando conversa fora e... até era chamada UTI, Unidade de Trago Integrado.

Elisiane: E lá na Leiga, o senhor não lembra quando ela foi criada?

Edson: Quando?

Elisiane: Sim, a boate da Leiga.

Edson: Eu acho que já foi no primeiro ano. Não assim com todo o aparato, porque depois a gente tinha que também arranjar móveis, aquela coisa toda, aparelho de som que naquele tempo eram os toca discos... É que as coisas eram muito diferentes... Para vocês terem uma ideia, quando os Beatles surgiram, eu tinha 18 anos. Então é aquela época em que a gente

pegava tudo. Até hoje eu tenho, só fazendo um parêntese, talvez a maior coleção de Beatles do estado, em torno de uns 2 mil discos.

Elisiane: Capaz!

Edson: Eles gravaram só 15 ou 16, mas eu me correspondia com... Como eles tinham muito sucesso, muito, muito, muito, muito sucesso, tudo deles era gravado. Tudo, tudo, tudo, tudo, tudo, tudo. O filme *Let It Be*, é o Paul, caminhando, o som é som. Não se vê ele, só se ouve o som dele na madeira, caminhando. Era tudo assim, e eu me correspondia com gente do mundo inteiro, trocando disco, era uma experiência sensacional. Agora assim, não muito tempo, mas...

Lorena: Aficionado, então, é?

Edson: Sim, sim. Eu tenho tudo, tudo deles, ainda ontem eu estava escutando algumas coisas, cantando em alemão.

Lorena: Fala alemão?

Edson: Não.

Lorena: Conhece um pouquinho o idioma?

Edson: Conheço, alguma coisa assim... um pouco mais de curioso do que outra coisa.

Elisiane: E as mães iam na Boate da Leiga?

Edson: Sim, sim.

Elisiane: Ela foi criada pelo CEMP, no caso?

Edson: Pelo CEMP.

Lorena: Tu chegaste a fazer uma especialização em educação, foi isso? E depois na medicina chegaste a fazer alguma coisa? Ficaste na radiologia?

Edson: Sim, eu fiz residência em radiologia, em São Paulo. Foi o primeiro. Na residência de 150 anos da Santa Casa de São Paulo.

Lorena: Bom, a gente está se encaminhando para o final. Há algum outro apontamento que queiras fazer?

Edson: Eu tenho curiosidade, quando nós estávamos no sexto ano, nós atendemos lá no hospital. O hospital que a gente ficou só, por curiosidade assim, chamava-se Hospital Silvestre, que era o hospital oficial da Embaixada Alemã, da Embaixada Inglesa e da Embaixada Americana, né? No Rio. Eu era responsável pelo banco de sangue, no outro dia eu me lembrei, quando a Rainha Elizabeth esteve no Rio, quando esteve visitando o Brasil foi em 1968, e uma noite eu recebi um telefonema da embaixada inglesa dizendo o seguinte,

o navio deles, o Iate Britannia, tinha inclusive centro cirúrgico, mas fazia parte da rotina deles ter sangue do dia, sangue fresco para ela. Dois litros de sangue O positivo, ela era O positivo, o príncipe Philip era O positivo, e tinha que reservar todos os dias, a embaixada pagaria depois, mas todos os dias tinha que ter sangue fresco para ela. E o hospital também trabalhava, tinha um plano de seguros, tipo uma Unimed assim, próprio e eles tinham um convênio com a Rede Globo. Então, Paulo Autran, Ana Magalhães, Jerry Adriani, todos eles estiveram internados lá.

Lorena: Olha só, conheceste todos eles?

Edson: Sim, o meu primeiro caso que eu peguei lá era um capitão da marinha americana, que tinha servido no Vietnã e que estava lá para tratar uma malária que ele tinha contraído na Ilha do Bananal.

Lorena: Quanta experiência nova.

Edson: Ah, não, experiência de tudo que é tipo.

Lorena: E Edson, se tu pudesse retornar no tempo, tu farias de novo medicina?

Edson: Sim, com certeza.

Lorena: Foi bom ter feito?

Edson: Foi, foi bom... foi bom.

Elisiane: Doutor, o senhor sempre vê o lado bom da vida.

Edson: Não, é que depende porque eu acho que todas as coisas, tudo, tudo que acontece na vida, primeiro, as coisas têm o valor que a gente dá, né? Não existe nada na vida que seja real, a maior parte das coisas, na minha opinião, são coisas mais abstratas. Quer dizer, eu posso ter uma dor de ouvido e dormir a noite inteira, ou eu posso ter uma dor de ouvido e dizer, "Ah, o que é que eu faço?!" A dor de ouvido é as duas, mas o receptor é diferente, não é? Então, se a gente encarar assim, sempre tem um lado positivo que a gente tem que estimular, né? Se eu vou na fila de supermercado, eu posso me estressar porque a fila não está andando, ou eu posso ficar vendo o que a pessoa está comprando, como será que ele vive...

Lorena: Ou puxar uma conversa, né?

Edson: Exato. Principalmente puxar uma conversa.

Lorena: É verdade.

Elisiane: Só duas perguntinhas. O senhor se lembra do tema da aula inaugural? Essa ninguém lembrou até agora.

Lorena: Do Clóvis Salgado?

Elisiane: Isso...

Edson: Eu não sei se tinha algum nome, mas ele não falou muito da medicina não. Ele foi ministro da educação, ele tinha sido ministro da educação, mas acho que ele falou mais sobre os desafios da educação, mais do que a medicina. Não me lembro dele ter colocado alguma coisa assim... da medicina.

Lorena: O Dr. Edson tem uma memória exemplar.

Edson: Eu estou me lembrando agora, eu gosto de história da medicina. Tem um livro que até ontem eu achei casualmente na internet, que eu vou mandar para as minhas netas, porque as duas pretendem fazer medicina e a mais velha vai fazer vestibular no fim do ano... e um livro chamado A Cidadela.

Lorena: Sim, A Cidadela.

Edson: Já leu?

Lorena: É do Cronin.

Edson: Cronin

Lorena: Sim, claro que sim, já li... eu li quando era adolescente, quando tinha 15, 16 anos.

Edson: Exatamente, é uma história romântica, sensacional. O Doutor Gigante deu a Cidadela, quando ele foi homenageado, ele deu um exemplar para cada um dos formandos.

Lorena: Olha só!

Edson: A história se passa no início do século XX, com um médico recém-formado. Acho que era o País de Gales, né? Eu gosto muito de ler. Eu tenho sempre três ou quatro livros diferentes de cabeceira. Tem uns que eu já estou relendo, então, com essa história da pandemia, eu li todo o Machado de Assis de novo, Eça de Queiroz...uma boa parte. E sabe o que eu tô lendo agora? Tarzan. O Tarzan, eu tenho os livros comprados em 68. Eu tenho lá em casa.

Lorena: Claro que sim... mais alguma coisa, teria?

Elisiane: Só faltou qual a disciplina que o senhor dava aula.

Edson: Radiologia.

Elisiane: Ah, era radiologia.

Lorena: É, onde ele se especializou.

Edson: É assim... segundo alguns “fotógrafo de interiores”, segundo outros também assim... nós e os psiquiatras temos uma coisa em comum, nós conhecemos as pessoas mais

por dentro do que por fora. Eu sempre dizia às vezes pras moças, principalmente assim as meninas, tinha muita gente que fazia estágio comigo, eu sempre dizia assim, “olha, para mim não interessa se o rosto é bonito, eu vejo como é que é a órbita, se tem sinusite, se tem desvio do septo nasal”. E assim vai.

Lorena: E na sua clínica, até quanto tempo trabalhou lá? Na Princesa Isabel?

Edson: Olha, eu trabalhei ali até... 2015, eu acho que foi.

Lorena: Desde?

Edson: 1972.

Lorena: É isso? Então está doutor, eu acho que é isso. Foi ótimo!

Elisiane: Eu acho que o senhor vai chegar em casa e vai lembrar de muita coisa.

Edson: Sim, eu acho que sim!

Elisiane: Só nos procurar, pode falar ali pelo Whatsapp que a gente faz outra entrevista.

Edson: Eu estava contando para a Elisiane, inclusive, tu não tinhas chegado ainda, que às vezes fato depende um pouco do contexto, não é?

Lorena: Claro!

Edson: E depende do valor que a gente dá as coisas, então eu lembrei para ela uma história, que tem no folclore de futebol que o Garrincha, jogador de futebol, então uma vez ele conversando com os colegas dele e alguém falou em Roma, e ele disse assim “Roma, Roma não é aquele lugar onde o professor Feola quebrou uma costela?” Quer dizer, a única coisa que ficou na cabeça dele de Roma, era o lugar onde alguém quebrou uma costela, não importa, né?

Lorena: Isso aí... não importava mais nada...

Edson: Sim, sim. Então, é o que eu tava pensando, então essa noite, inclusive, eu dormi... eu tenho... tenho sempre insônia, mas eu procuro, como dizia o Doutor Gigante, industrializar a insônia.

Lorena: Como é que é industrializar? Passa a tomar um remedinho?

Edson: Não, não. Remédio, never, nunca. É... Não, a gente tem que pensar em coisas agradáveis. Para mim, agora com a pandemia eu reaprendi a cozinhar, então eu fico fazendo o cardápio da semana, que dia eu vou fazer feijão, o que que eu vou botar no feijão, o que eu não vou botar, né? O meu cardápio é meio escasso, mas é...

Elisiane: O senhor pensa nisso enquanto tá tendo insônia?

Edson: Sim

Elisiane: Mas que pessoa de sorte!

Edson: Mas é uma coisa boa...

Elisiane: Sim, que coisa boa!

Edson: É, sempre pega, né?

Lorena: Mas eu acho que é isso, né?

Elisiane: Acho que sim, da minha parte também.

Lorena: Então tá, doutor. Se a gente lembrar de mais alguma questão...

Edson: Pois é, porque uma coisa que eu tava me lembrando é que eu acho, quer dizer, não vou me meter na vida de vocês, mas é que vocês vão ter que em um momento entrar com a cabeça dentro da medicina, né? Porque tem...

Lorena: Sim, sim... Não, a gente vai... assim a nossa pesquisa, ela é baseada em narrativas e em documentos... e o livro, como é que nós pensamos? Como o livro tem que ser feito até abril, nós pensamos em compor ele da seguinte maneira, nós vamos falar sobre a questão do processo de construção da faculdade, aí vai ser muito depoimentos, vai ser muitos documentos também... Nós vamos fazer um capítulo sobre os primeiros formandos, a primeira turma como é que foi e nós vamos fazer um capítulo especial sobre mulheres na Medicina porque nós queremos focar também essas quatro médicas, além disso a gente pretende colocar as cartas a Leiga, né? E aquilo que lhe falei, né?

Edson: Sim, sim, eu acho muito interessante. Tomara que tenha adesão.

Lorena: Eu acho que vai ter, eu acho que vai ter adesão. Então é isso, também a faculdade de medicina nos pediu para que a gente colocasse muitas imagens, então a gente tá buscando essas imagens também. Mas é isso, a ideia de fazer as narrativas é buscar informações, então, por exemplo, o Doutor Edir nos falou algumas coisas, né? Sobre valores pagos, enfim... o senhor já nos falou outras coisas sobre outros aspectos... a história oral, ela funciona mais ou menos como uma colcha de retalhos, não é? A gente vai entrevistando as pessoas e vai pensando sobre os assuntos e construindo histórias.

Edson: Eu acho que é melhor falar patchwork. A gente pega assim coisas que aparentemente uma não tem nada a ver com a outra... Compõe aquilo ali e fica lindo!

Edson: Eu acho que é melhor falar patchwork. A gente pega assim coisas que aparentemente uma não tem nada a ver com a outra... Compõe aquilo ali e fica lindo!